

A LÍNGUA LITERÁRIA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI: FATOS LINGUÍSTICOS CARACTERÍSTICOS

Evanildo Bechara
UERJ, ABL, LLP

Iniciados os esforços de escritores e intelectuais renascentistas no sentido de preparar e enriquecer a língua portuguesa para a tarefa de substituir o latim como veículo de manifestação de conteúdos espirituais e culturais em todos os estilos, experimentou o idioma uma série de novidades que o iriam capacitar a traduzir as mais expressivas e estéticas necessidades do novo ambiente literário.

Estimulados os escritores pelas exaltações exaradas nos diálogos em louvor do vulgar de cada comunidade linguística partiu os prosadores a limar e polir o idioma à semelhança do que fizeram seus antepassados clássicos com o latim e o grego.

Este esforço dotou a língua portuguesa de recursos gramaticais, lexicais e estilísticos para que pudesse, no século XVI, acompanhar os melhoramentos que iam experimentando seus parceiros europeus, especialmente os italianos, franceses e espanhóis.

Sá de Miranda, Antônio Ferreira e Bernardim Ribeiro na poesia, e João de Barros na prosa, abriram o percurso que foi logo preenchido por Luís de Camões, Frei Heitor Pinto, Diogo do Couto e Frei Luis de Sousa, este último já representando a fase de transição para o período seguinte, quando brilhariam Antônio Vieira, Francisco Manuel de Melo, Manuel Bernardes e Rodrigues Lobo, entre outros.

Esta relativização e modernização no material idiomático não ocorreram abruptamente; houve um período em que as antigas formas conviviam lado a lado com as novidades fonéticas, morfossintáticas e léxicas como *mi* e *mim*, *si* e *sim*, *craro* e *claro*, *despois* e *depois*, *pera* e *para*, *lhe* (plural) e *lhes*, *fruito* e *fruto*, *perguntar* e *preguntar*, *cousa* e *coisa*.

Neste sentido, vale a pena lembrar as seguintes considerações de M. Said Ali sobre a participação de Camões no movimento de preferências entre

uma das duas formas vigentes, e da ação difusora das opções de voto entre os escritores posteriores:

Camões não foi propriamente o criador do português moderno porque essa nova linguagem escrita já vinha empregada por outros escritores. Libertou-a sim de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camonianiana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias.

(*Gramática Histórica*, I, 4)

Adolfo Coelho aponta como fator de harmonização linguística do século XVI a ação da obra gramatical e filológica iniciada nesse século; todavia, somos de opinião de que os escritores quinhentistas e seiscentistas pouco encontraram nas incipientes gramáticas, dicionários e obras de natureza filológica – como seria natural àquela quadra de estudos - que justificasse o progresso, o apuro e o senso estético postos em prática para que a língua atingisse, em verso e em prosa, o plano extraordinário a que chegaria com a produção poética de um Sá de Miranda, um Antônio Ferreira, ou a harmonia em prosa de um João de Barros, um Heitor Pinto, um Diogo do Couto, ou, na passagem para o século XVII, um Frei Luís de Sousa, um Manuel de Melo, um Rodrigues Lobo e um Antônio Vieira, entre outros.

Naqueles tempos de florescimento renascentista e humanista como agora, os escritores se anteciparam à ação linguística que a literatura científica lhes poderia oferecer em seu trabalho de progresso. Camões nada devia a Fernão de Oliveira, assim como José de Alencar nada devia à gramaticografia luso-brasileira de sua época para ambos enfrentarem os problemas e soluções de renovação da língua literária de seus tempos.

Foi o esforço e o exemplo dos irmãos de profissão nacionais e estrangeiros (não nos esqueçamos do que os nossos aprenderam e se modelaram com os italianos, espanhóis e franceses, que também lutaram pela defesa, ilustração e enriquecimento de novas formas de expressão em seus vulgares), que lhes abriram o caminho de criações novas, alimentadas da seiva do passado literário.

As qualidades da língua portuguesa, que foram altamente exaltadas nos diálogos em seu louvor durante o século xvi, podem ser corretamente resumidos nestas linhas escritas por Rodrigues Lobo para as páginas da *Corte na Aldeia*, ultrapassando a razão primeira de ser, com pouca corrupção, a língua latina.

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver e acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada como um todo senhoril, para cantar é suave como um certo sentimento que favorece a música; para pregar é sustanciosa, com uma gravidade que autoriza as razões e as situações; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dure, nem brevidade estéril que a limita; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronúncia não obriga a ferir o céu da boca com aspereza nem a arrancar as palavras com veemência do gargalo. Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronúncia latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa, a elegância da italiana. Tem mais adajos (= adágios) e sentenças que todas as vulgares, em fé da sua antiguidade. E se à língua hebraica, pela honestidade das palavras, chamaram santa, certo que não sei eu outra que tanto forja palavras claras em matéria descomposta quanto a nossa. E para que diga tudo, só um mal tem: e é que, pelo pouco que lhe querem seus naturais, a trazem mais remendada que capa de pedinte.

(*Diálogo I*, p. 25-26 da Ed. de Afonso Lopes Vieira).

Fases históricas da língua portuguesa

Tomando por referência fatos de línguas mais ou menos fixadas em cada momento histórico do idioma, podemos dividir esse percurso em quatro fases, tendo sempre presente a observação de Said Ali: “as alterações linguísticas não dependem de calendário, nem do ano em que o século acaba ou começa” (Gramática Histórica, IV), completada pela lição de outra importante figura mais antiga, Jack Grimm, segundo o qual a evolução nas línguas não segue um caminho retilíneo:

- a) arcaica: séc. XIII ou XII ao final do XIV;
- b) arcaica média: séc. XV à 1.^a metade do séc. XVI;
- c) moderna: 2.^a metade do séc. XVI ao final do séc. XVII;
- d) contemporânea: séc. XVIII aos nossos dias.

Percebe-se, pois, que o período de que até agora vimos tratando pertence à fase moderna, e mantêm estreitíssimas ligações entre si os fatos linguísticos que se uniformizaram nos séculos XVI e XVII.

Fatos linguísticos novos que caracterizam a fase moderna da língua portuguesa

Na fase moderna registram-se os seguintes fatos linguísticos balizadores dessa época nos textos literários ou não que se pautam pelo normal padrão:

- a) o desaparecimento do *não pleonástico* imediatamente após a palavra de sentido negativo pré-verbal *ninguém não viu*; *nenhum não quer*;
- b) a eliminação progressiva da concordância em gênero e número do particípio componente de um tempo composto com o complemento direto do verbo principal: *areia que tinha pisada com os pés*;
- c) a eliminação dos anafóricos (*h*)*i* e *en* como formas independentes;
- d) a fixação do plural dos nomes em *ão* (*mãos, cães, leões*) e do feminino dos adjetivos em *ão* (*são/sã*);
- e) a progressiva ação analógica do radical do infinitivo sobre o radical da 1.^a pessoa de muitos verbos, como *senço* → *sinto*, *menço* → *mino*, *arço* → *ardo*, etc;
- f) a progressiva criação de novas formas de tratamento com verbo na 3.^a pessoa do singular;
- g) a presença obrigatória do pronome demonstrativo variável antecedente do pronome relativo, em construções do tipo *eu sou o que*, *tudo és o que*, *nós somos os que*, etc (construção que persiste até fins do século xviii).

Entre os fatos que vinham dos séculos anteriores, os escritores quinhentistas e seiscentistas ainda nesse período não abrem mão dos seguintes usos:

- a) *lhe* e *lhes* ambos com valor de plural;
- b) *homem* e *im* como pronomes aplicados a sujeitos indefinidos:
Desde que homem nasce até que morre...
- c) *cuj*o usado como predicativo;
- d) nasalidade em palavras como *lũa*, *vĩr*, *ũa*.